



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CEDUC
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA- LICENCIATURA**

EVANDRO ELIAS DE BARROS NETO

A CASA DE IRENE: Censura no teatro campinense.

**CAMPINA GRANDE – PB
2012**

EVANDRO ELIAS DE BARROS NETO

A CASA DE IRENE: Censura no teatro campinense.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador(a): Prof^a Ms. Maria José Silva Oliveira.

**CAMPINA GRANDE – PB
2012**

B277c Barros Neto, Evandro Elias de.
A casa de Irene [manuscrito] : censura no teatro campinense
/ Evandro Elias de Barros Neto. – 2012.

21 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Prof.^a Ma. Maria José, Departamento de História”.

1. Biografia – Evandro Barros. 2. Historiografia. 3. Campina Grande – Aspectos Políticos Culturais. I. Título.

21. ed. CDD 920.008

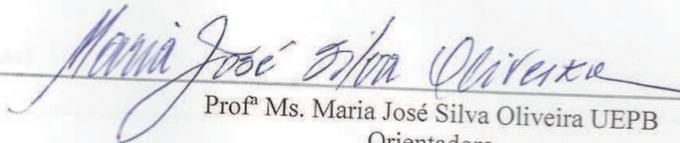
EVANDRO ELIAS DE BARROS NETO

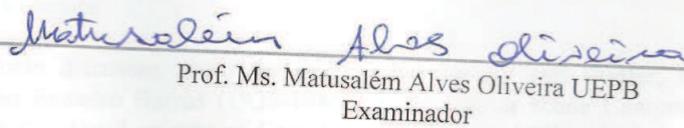
A CASA DE IRENE: Censura no teatro campinense.

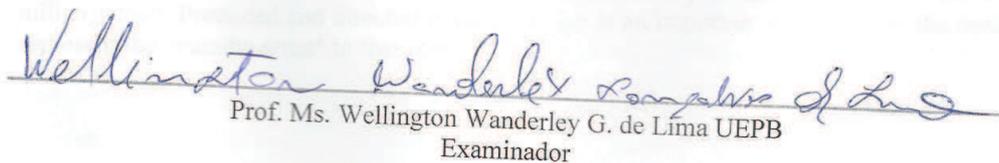
Artigo apresentado à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) em cumprimento aos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Licenciatura Plena em História.

Aprovado em 27/11/2012.

COMISSÃO EXAMINADORA


Prof.^a Ms. Maria José Silva Oliveira UEPB
Orientadora


Prof. Ms. Matusalém Alves Oliveira UEPB
Examinador


Prof. Ms. Wellington Wanderley G. de Lima UEPB
Examinador

A CASA DE IRENE: censura no teatro campinense.

BARROS NETO, Evandro Elias de¹; OLIVEIRA, Maria José Silva²; OLIVEIRA, Matusalém Alves de²; LIMA, Wellington Wanderley G. de².

Resumo

BARROS NETO, Evandro Elias de. **A CASA DE IRENE: censura no teatro campinense.** Campina Grande, 2012. 21f. Artigo (Licenciatura em História). Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, Campina Grande.

Este artigo discute, a partir da relação história e teatro, o lugar do dramaturgo paraibano Evandro Barros (1938-1986), no cenário do teatro campinense. Para isso, toma-se como fio condutor a peça A Casa de Irene, escrita em 1972, que é considerada uma das principais obras do autor e apresenta aspectos da censura dos militares após o golpe militar de 1964. Produzida e encenada nos anos 70, trata-se de um importante documento sobre a necessidade de se representar o “artista paraibano” naquele contexto.

Palavras-chave: Teatro; Evandro Barros; Censura.

Abstract

Barros Neto, Evandro Elias. **THE HOUSE OF IRENE: Censorship in the theater Campinense.** Campina Grande, 2012. 21f. Article (BA in History). State University of Paraíba-UEPB, Campina Grande.

This article discusses, from the relationship history and theater, the playwright's place paraibano Evandro Barros (1928-1986), in the theater scene Campinense. For this reason, takes up the thread as part of Casa Irene, written in 1972, which is considered one of the major works of the author and presents aspects of censorship of the military after the 1964 military coup. Produced and directed in the '70s, this is an important document on the need to represent the "Paraiba artist" in that context.

Keywords: Theatre; Evandro Barros; Censorship.

¹ Discente do curso de Licenciatura em História- UEPB

² Docente do curso de Licenciatura em História-UEPB

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos são produzidos alguns trabalhos com muitos cruzamentos entre literatura e história. As fronteiras entre ambas são estreitadas em alguns trabalhos e reafirmadas em outros.

A historiografia campinense em muito dos seus trabalhos vem rompendo as fronteiras entre história e outras ciências. Por outro lado percebemos que apesar da grande produção sobre a cidade, ela em alguns aspectos ainda carece de pesquisas e estudos, especialmente dentro dos temas patrimônio e memória. Estudos que promovam a valorização do patrimônio e da memória da cidade e de seus habitantes.

Dentre os patrimônios da cidade os que não foram pesquisados, são os patrimônios imateriais: acervos particulares, arquivos públicos, obras que não publicadas, peças de teatro que não foram encenadas e biografias de artistas conhecidos ou desconhecidos, artistas que de alguma forma são lembrados e outros esquecidos por terem vividos em períodos de repressão, e foram esquecidos pela história.

O artigo promove um estudo de um desses personagens, a vida do dramaturgo e jornalista Evandro Barros através de sua obra *A Casa de Irene*, para que não fique entre as cinzas da história campinense e entregues ao anonimato, que passaram pela cidade, alegrando as ruas e noites em suas demonstrações muitas vezes singelas, mas com grande significado e riqueza político-cultural.

A metodologia traça a relação entre o pesquisador e o documento histórico, “tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele” (LE GOFF, 1990 apud MARC BLOCH), apropriando-se do pensamento do autor foi pesquisados os documentos textuais do período da ditadura militar no Brasil (1964-1985), nos arquivos da cidade de Campina Grande. Os documentos descrevem os temas que envolvem o cenário político local, revelando o cotidiano do teatro campinense e - atores, diretores, dramaturgos - como o mesmo foi censurado pelo regime militar.

2. REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 - GOLPE MILITAR 1964

Em 1964, o Brasil passa por profundas transformações políticas e econômicas que culminaram com o golpe da ditadura militar. João Goulart conhecido como “Jango” exerceu o cargo de presidente da República do Brasil, afastado do cargo com o golpe, a nação brasileira entra em um período da história conhecido como regime ou ditadura militar com o codinome de revolução pelos seus apoiadores³. Com a derrocada de João Goulart e ascensão dos generais ao poder, o Brasil passa a seguir as regras da ditadura, a partir deste momento a sociedade brasileira vive uma época de tensão, os meios de comunicação são controlados pelo **DOPS**. Neste momento se faz necessário explicarmos o papel desse departamento na sociedade brasileira.

O **Departamento de Ordem Política e Social (DOPS)**, criado em 1924, foi o órgão do governo brasileiro, utilizado principalmente durante o Estado Novo e mais tarde no Regime Militar de 1964, cujo objetivo era controlar e reprimir movimentos políticos e sociais contrários ao regime no poder. Antigamente, subordinados aos Governos Estaduais, receberam outras denominações, dependendo da época e local, como **DEOPS** (Departamento Estadual de Ordem Política e Social) e **DELOPS** (Delegacia de Ordem Política e Social).

O órgão em São Paulo foi fundado em 1924 e teve vários nomes (delegacia, superintendência), até ser extinto no início de 1983. A sua designação no período final era Deops – Departamento Estadual de Ordem Política e Social, como consta em seus arquivos. Contudo, a sigla "Dops" é a que ficou na história.

Durante o regime militar, em São Paulo, o seu delegado mais conhecido foi Sérgio Paranhos Fleury, devido as acusações de "linha dura" feita pelos presos.

Havia muitas dificuldades para quem fosse fichado no DOPS. O candidato a um emprego, por exemplo, em um período da ditadura militar, precisava apresentar um “Atestado de Antecedentes Políticos e Sociais”, mais conhecido como “Atestado Ideológico”, que era fornecido pelo DOPS a quem não tinha ficha no órgão.

Hoje, o DOPS (delegacia de ordem política e social) ainda existe em alguns estados da federação. No passado, além da repressão política, o DOPS da Polícia Federal tinha a atribuição de censurar os meios de comunicação, através da Divisão de Censura e Diversões

³ GASPARI, Elio. (a). A ditadura envergonhada, São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Públicas e a partir de 2001 o controle das armas de fogo. Atualmente, a *Divisão de Ordem Política e Social* não consta mais do organograma da Polícia Federal, mantendo esta, entretanto, a competência para apurar as "infrações penais contra a ordem política e social", nos termos do inciso I, do § 1º, do artigo 144, da Constituição Federal.

O controle militar se alastrava em todo o território nacional, através do **Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI)** órgão subordinado ao Exército, de inteligência e repressão do governo brasileiro durante o regime inaugurado com o golpe militar de 31 de março de 1964, os chamados “Anos de Chumbo”.

Destinado a combater inimigos internos que supostamente ameaçariam a segurança nacional, como a de outros órgãos de repressão brasileiros no período, a sua filosofia de atuação era pautada na Doutrina de Segurança Nacional, formulada no contexto da Guerra Fria nos bancos do National War College, instituição norte-americana, e aprofundada, no Brasil, pela Escola Superior de Guerra (ESG).

Diante de cenário de terror as manifestações nos grandes centros se tornam rotineiras, a intervenção militar chega as escolas, nas instituições públicas, hospitais, jornais, rádios e no teatro⁴. Entre os artistas perseguidos: Caetano Veloso, Gilberto Gil, Geraldo Vandré e em Campina Grande o dramaturgo Evandro Barros assistiu sua obra ser perseguida e censurada pelos militares.

2.2 - CAMPINA GRANDE E A DITADURA MILITAR

A historiografia política e cultural de Campina Grande tem traços emblemáticos de uma cidade marcada pela ditadura militar. Desde golpe de 1964, todas as cidades brasileiras passaram por censuras e perseguições, artistas em todas as áreas tentavam de alguma forma burlar a censura para que o espetáculo continuasse. A prefeitura municipal de Campina Grande também assistia ao espetáculo da intervenção, na década de 70, foi administrada por dois interventores, Manoel Paz de Lima e Luis Mota Filho entre 1969 e 1973, deixaram algumas marcas de seus “mandos e desmandos” especialmente na parte cultural da cidade.

⁴ GASPARI, Elio. (b) A ditadura escancarada. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

2.3 - EVANDRO BARROS - O ARTISTA

Evandro Barros nasceu no dia 21 de agosto de 1938, na cidade de São João do Cariri no sertão paraibano. Em sua infância muito pobre, enfrentou aos nove anos o falecimento do pai o qual era muito apegado. Evandro teve uma vida repleta de idas e vindas à procura de algo que satisfizesse o seu desejo de colaborar de alguma forma com a arte no âmbito da educação e no forte desejo de protestar normas sociais através de suas obras, e de seu trabalho como um todo. Sua primeira obra escrita quando ele contava 18 anos “Libertação” nunca foi ao palco por resistência da própria sociedade vigente da época, analisando que as mensagens inseridas em seus textos estavam sempre adiante de seu tempo. A dificuldade de manter sua obra escrita a punho foi de grande dificuldade, pois quando começou a escrever era muito jovem e não se tem registros escritos, e devido à ação do tempo muitos textos foram extraviados. Buscando pesquisar lembranças dos que com ele estiveram à época conseguiu - se informações memórias da obra do autor. Existem afirmações que tenha escrito aos 16 anos “O feiticeiro de Etiópia”, a qual foi encenada no grupo de jovens de uma igreja católica de Campina Grande com o nome de “Jóquei”, jovens com pressa de chegar a um entendimento do evangelho.⁵



Fig. 01: Evandro Barros (1938-1986). FONTE: Acervo - Família Barros.

A história de Campina Grande é marcada pelo rádio e pelo teatro, desde da fundação das primeiras rádios na cidade as programações continham o gênero de radionovela com auditório, segundo Clarindo Barbosa (2006), o mais famoso foi o auditório da radio Borborema que se comparava aos grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo, foi nesse

⁵ Informação extraída a partir da entrevista realizada com Eliângela Barros, filha do teatrólogo.

ambiente que Evandro Barros viveu, em meio a grandes nomes do rádio como Rosil Cavalcante, José Bezerra e muitos outros, sendo um homem dedicado ao rádio e ao teatro tornou-se muito conhecido na cidade como relata o depoimento colhido:

“- A nossa relação com Evandro Barros, foi uma relação, vamos dizer assim, foi simples, afetuosa, de muita identidade, porque se ele era um homem de teatro, e eu sou uma mulher de teatro também fui diretora do teatro municipal durante 12 anos, em duas gestões, sou professora de teatro, passei 14 anos na universidade federal ensinando teatro como também sou professora de história das artes, tenho formação em pedagogia, formação em psicologia e artes, então era normalíssimo que numa cidade de porte médio como Campina Grande, as pessoas de teatro, os artistas, os dramaturgos, atores, atrizes, cenógrafos, enfim todas as pessoas que se envolvem com as artes cênicas, se conhecem, e quem não conhecia Evandro Barros? Eu acho que só, quem não morava em Campina ou quem escutava o rádio, porque o rádio é forte, é um veículo e um instrumento de comunicação ele tinha programas do rádio, ele não era só um radialista, ele era também escritor, foi dramaturgo, ele tinha outra vocação especialíssima que vive mil vidas que era ser ator e era um grande ator, e o seu potencial de voz era fantástico ouvi-lo pela TV, pelo rádio e principalmente no teatro, porque ele falava sem microfone aí era ele falando, ele Evandro o artista, o ator o homem falando no teatro, homem fala sobre o homem, da vida, era fantástico, era um grande ator, tinha uma bonita voz.”⁶

Ao falar com admiração da relação que tinha com o jornalista, Eneida Maracajá revela a importância do rádio para cidade e como Evandro Barros estava envolvido em vários ambientes da telecomunicação, com a voz eloquentemente incontestável, foi uma ferramenta que permitiu ao sua entrada nas redes de telecomunicação destacando-se no teatro. Eneida Maracajá relembra uma peça de Hermano José ‘A justiça Cega’ em que Evandro Barros interpretou o personagem “João vermelho”, onde foi perseguido, julgado, torturado e secou na cadeia injustamente, sobre esse evento ela indaga:

“ele deixou foram muitos trabalhos, mas um que tive oportunidade de assistir foi essa peça a Justiça Cega, porque nessa peça ele realmente foi quase transcendental, acho que ele passou a um nível assim muito elevado de espiritualidade porque nessa peça, ele faz um papel de um prisioneiro, de um homem que foi caluniado e que secou na prisão e isso foi extremamente comovente.”

A habilidade teatral de Evandro Barros não consistia em apenas escrever e dirigir peças, mas também de interpretá-las e conduzi-las ao palco a um nível “transcendental” das artes cênicas. Outra peça teatral tem a sua autoria, O celibato, que conta a história de um padre que se apaixona por uma jovem e que nesse momento expõe o clero de tal forma que denuncia a hipocrisia vivida dentro dos conventos igreja Católica, muito semelhante com o

⁶ Trecho de entrevista realizado no dia 19 de novembro de 2012 com Eneida Maracajá, na secretaria da cultura de Campina Grande.

celebre livro “O crime de padre Amaro” do autor Eça de Queirós⁷ a primeira publicação em 1875, que denuncia a corrupção dos padres; que manipulam a população em favor da elite através dos dogmas da igreja e a questão do celibato clerical. Sobre essa peça (O Celibato) nas palavras da senhora Divanice Queiroz Barros:

“teve outra peça, mas que falava do cotidiano dos padres (Essa peça se chama o Celibato⁸), uma peça que Dom Manuel não gostou (arcebispo na época), porque falava muita verdade, verdade que não se pode dizer até hoje, porque quem fala a verdade se dá mal aqui no Brasil, infelizmente.”

A peça O Celibato, “deu muito que falar”, pois diante da sociedade campinense conservadora e fundamentada na mentalidade cristã, numa época de ditadura, essa peça teatral foi considerada um escândalo, pois envolvia as doutrinas da Religião Católica que sobrepunha aos desejos e da paixão ardente de um padre.

A produção artístico-cultural de Evandro Barros foi marcada pela inconfundível presença de temas humanistas e pela diversidade dos gêneros que versou (5 peças teatrais, 18 crônicas, 19 contos, 20 poemas e 101 episódios da série radiofônica: “Contos que a noite contam” de grande repercussão na década de 80 em Campina Grande). Entre a expressiva quantidade de obras teatrais, a que mais se destaca “A casa de Irene”, que trata de uma representação das relações que existiram entre a censura e os artistas. No documento observamos várias partes cortadas pelos órgãos de censura, e cada página apresenta o carimbo DCDP⁹ (Divisão de Censura de Diversões Públicas).

A DCDP é um órgão regulamentado pelo governo ditatorial cujo objetivo era a censura prévia de cinema, televisão, espetáculos públicos, música, rádio, além de revistas e jornais impressos, inclusive peças teatrais, o Departamento de Polícia Federal (DPF) era encarregado de monitorar qualquer artigo que pudesse demonstrar comportamento subversivo.

A censura prévia para livros foi regulamentada pelo Decreto-lei 1077/70. Os artigos 1º e 2º.

⁷ José Maria de Eça de Queirós (Póvoa de Varzim, 25 de novembro de 1845 — Paris, 16 de agosto de 1900) é um dos mais importantes escritores lusos. Foi autor, entre outros romances de reconhecida importância, de Os Maias e O crime do Padre Amaro; este último é considerado por muitos o melhor romance realista português do século XIX.

⁸ Informação confirmada de Eliângela Barros em entrevista, filha do teatrólogo Evandro Barros.

⁹ REIMÃO, Sandra. O Departamento de Censura e Diversões Públicas e a censura a livros de autores brasileiros 1970 -1988. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.

A repressão foi uma página da história deste país marcada pela perseguição aos artistas, os artistas de Campina Grande lutaram pela liberdade que se esvaía de suas mãos, afirma a professora e ativista cultural Eneida Maracajá:

“Quanto a questão da censura, acredito que ele tenha sofrido porque todos nós sofremos, a repressão deste país foi muito forte nas artes, na literatura, o teatro, os artistas foram exilados, presos torturados, humilhados, então todos nós, principalmente eu e ele e quanto aos outros que éramos dessa área que tínhamos um compromisso com a liberdade de expressão, todos nós sofremos, acredito que ele sofreu também porque quando falta a liberdade é como diz o poeta Thiago de Mello: “A liberdade é a noiva do povo e a irmã dos rebeldes”, eu acho uma página da história deste país esses 20 anos de ditadura mergulhado num caos onde o preço mais alto foi pago pelos líderes camponeses, estudantis, artistas e intelectuais, todas as pessoas que se envolveram com movimentos sindicais, movimentos estudantis, ligas camponesas, a cultura, a educação popular, a repressão foi total, foi um desastre, porém, Evandro Barros foi uma personalidade assumida, de muita coragem, porque nós somos de uma geração que não “tira o cavalinho da chuva”, ele foi um apaixonado pela liberdade.”¹⁰

A censura se dava em todos os setores da comunicação. Algo que chama atenção é como a peça “A casa de Irene” chegou ao governo? Como pode uma peça receber censura se há tanto para ser feito e censurado, como uma peça conseguiu ser censurada? Segundo a revista VEJA:

“Alguém que tenha lido um livro, autoridade ou não, e o considere atentatório à moral ou mesmo subversivo, faz uma denúncia ao Ministério. Instala-se, então, um processo no qual é dada a um assessor do ministro da Justiça a tarefa de ler a publicação e emitir parecer. Com base neste, o ministro decreta ou não a apreensão. (...) A tarefa passa a seguir para a Polícia Federal que deve providenciar o recolhimento dos exemplares à venda”. (Revista Veja, 29/12/1976, p.82)

As duas formas de censura desses trabalhos; uma por meio de denúncia que era apurada e investigada; outra forma era quando o próprio artista encaminhava o documento para a Divisão de Censura do Departamento da Polícia Federal que revisava e cortava os trechos do texto que indicaria alguma mensagem que era contra aos ideais da ditadura. “A memória diferencia-se muitas vezes da história, pois circunscreve-se às lembranças individuais dos homens sobre os fatos históricos. É o campo das experiências particulares, a visão do “eu”, sobre o todo, sendo seletiva e omissa em muitos pontos.” (MARTINO, 2002)

¹⁰ Trecho de entrevista realizado no dia 19 de novembro de 2012 com Eneida Maracajá, na secretaria da cultura de Campina Grande.

2.4 - A CASA DE IRENE

“A Casa de Irene” peça teatral é o documento pesquisado como uma prova que a censura e a própria ditadura estavam presente na cidade de Campina Grande, situações em que as pessoas suspeitas passaram a ser inimigas do governo. O documento original encontrado no arquivo da família Barros, encontra-se em situação degradante, castigado pela ação do tempo e pela má conservação, páginas amarrotadas e amarelas contam muito mais do que esperamos, apesar de estar em uma situação de lástima, ainda conserva de forma clara todo o enredo da peça e se revela com uma representação emblemática da história cultural de Campina Grande.

O enredo da peça ‘A Casa de Irene’, é caracterizada pela tragédia em três atos, o contexto ronda o ano de 1945 na Itália sendo que o cenário acontece em torno de uma casa e padaria e vê-se o forno. O enredo conta a história de uma família que viveu no final da segunda guerra mundial com a tomada de Monte Castelo pelos pracinhas brasileiros.

A história é marcada pela tragédia, um jogo de traições e paixão, o drama voltado para casa de Irene, que vive uma família marcada pelas cicatrizes da guerra entre o personagens estão o pai de Irene, o Marcus, um dos líderes da resistência do nazi-facismo, a mãe de Irene interpretada na personagem Marília, o irmão que tem como nome André, vive angustiado por ter sido metralhado nas pernas que o levou a invalidez, tendo que viver em uma cadeira de rodas. Apesar de viverem no contexto da guerra o autor procura demonstrar na obra a esperança e a fé ambientada no cotidiano familiar, a confiança se exala indo de encontro ao cenário conflitante da guerra, a personagem Irene é retratada como uma filha de natureza dócil que transmite uma serenidade a sua família, o conturbado André revela uma personalidade depressiva causada pela invalidez, angustiado nos dias de guerra.

A família tenta no seu pavoroso cotidiano desviar-se dos percalços deixado pelo flagelo dos campos de batalha, no decorrer da peça, o personagem Marcus, um dos líderes da resistência é descoberto pela Gestapo, a policia nazista descobre os planos da resistência invadem a casa de Irene e assassinam seu pai e sua mãe, em um quadro horripilante a perda de seus pais origina a sede de vingança em Irene, que sente de modo avassalador a tragédia. Com os pais assassinados, Irene monta um estratagema para se vingar dos alemães. Na peça o autor narra a chegada dos pracinhas brasileiros e a batalha contra o exercito nazi-facista, Irene se apaixona por um soldado brasileiro de nome Alberto, dedicando seus pensamentos ao sonho de viver no Brasil com o seu grande amor logo com o termino da guerra.

Com o plano de vingança montado, Irene e mais três amigas, vitimadas pela guerra, engajadas também na luta por vingança, Irene, Lôla, Karina e Marizelia passam a amadurecer a ideia de resistência, fingindo-se de meretrizes, atraíam os alemães oferecendo serviços sexuais. Os soldados e oficiais do alto escalão da Gestapo que procuravam a casa de Irene, misteriosamente desapareciam, o plano funcionou muito bem com 53 soldados alemães, assim que entravam na casa, as falsas prostitutas o seduziam e em um momento de desatenção eram assassinados com veneno injetado em suas veias, os corpos eram jogados no forno da padaria, restando apenas às cinzas.

A vingança das meretrizes foi um trabalho de eliminação dos oficiais da alta patente nazista até quando surge uma traidora entre elas, Karina, uma dos membros da Resistência é descoberta e confessa que realmente se deitara com o oficial alemão contara todos os planos feitos pelas Resistências. Irene, Lôla e Marizelia temem por suas vidas, na casa começa uma acirrada e acalorada discussão que termina em tragédia, Karina é alvejada com um tiro de Irene que não suporta a traição, nesse momento, oficiais alemães invadem a casa e um banho de sangue começa, todos são atingidos. O espaço gira em torno de uma cena horripilante, porém comovente, com os rebeldes metralhados.

Ao final do quadro, a horrenda cena acontece exatamente com a tomada de Monte Castelo pela força expedicionária brasileira - Monte Castelo caiu! – anuncia Alberto ao entrar na casa de Irene, ao ver corpos ensanguentados, Alberto se debruça sobre o corpo de Irene que ainda suspira, Irene viva e consciente, porém muito ferida, ao tomá-la nos braços e levantando-a Irene chama Alberto de meu amor e ainda fala de ir ao Brasil, Alberto consola e diz que vai ficar tudo bem, ao caminhar em direção porta, um oficial alemão ainda vivo consegue assassinar Alberto e Irene pelas costas, e assim terminar a tragédia A Casa de Irene. O espetáculo é encenado na edição do terceiro festival de inverno em Campina Grande no ano de 1972.

“em um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação” – em outras palavras, são produzidas aqui verdadeiras lutas de representações. E estas lutas geram inúmeras apropriações possíveis das representações, de acordo com os interesses sociais, com as imposições e resistências políticas, com as motivações e necessidades que se confrontam no mundo humano. (CHARTIER, 1990).

A peça trágica e romântica de Evandro Barros levantam questões pertinentes, encenada dentro de um contexto onde o país somava ao seu cotidiano as torturas militares,

“anos de chumbo” contemplava as denúncias de subversão e os militares com seus abotinados deflagravam a ditadura dentro das instituições, nos lares e também no teatro.

A peça teatral “A casa de Irene” é um documento significativo de um período sangrento no Brasil, que deve ser preservado para futuras pesquisas e estudos para que a memória desse momento histórico não seja apagada.

O referido documento apresenta 18 páginas, cada página foi vistoriada e analisada pelo DCDP, o documento foi guardado no acervo da família Barros, seus filhos e netos estão cuidando do acervo para que se preserve a memória do artista Evandro Barros e sua contribuição para a história política e cultural de Campina Grande.

3. REFERENCIAL METODOLÓGICO

A fonte documental é primordial em qualquer trabalho de pesquisa para que se tenha respaldo e prove sua autenticidade, no caso das fontes primárias e secundárias será uma forte aliada para referência neste ensaio, muitas de suas fontes estão documentadas no acervo pessoal, outras estão incutidas na memória de seus familiares e amigos e dentro dos limites das possibilidades estamos a explorar a lembrança e a recordação destes entes, para melhor aproveitamento destas fontes a utilização da entrevista será possível já que seus familiares consentiram em contribuir com este trabalho.

Segundo BOAS (2002), os relatos biográficos tendem em alguns momentos “exatidão” do personagem biografado, por outro lado os “entrevistados com frequência alteram seus pensamentos e suas palavras conforme a idade e conveniência.” Os diferentes relatos confrontam com a veracidade do fato ou do biografado, é necessário uma metodologia historiográfica para extrair pontos relevantes do relato e entre outros procedimentos para tornar o trabalho científico.

BURKE 1992, defende que “tudo tem um passado que pode em princípio ser reconstruído e relacionado ao restante”. Documentos como certidões, cartas, diários, fotografias e demais fontes de registro, são importantes para entendermos os aspectos da vida contemporânea. Há neste trabalho declarações de familiares, imagens e também o documento oficial que é símbolo de uma época em que a cidade que está inserida no contexto vivia uma época de repressão. Praticamente não existiu dificuldade em entrevistar os membros da família, em compensação os relatos foram tantos que foi necessário uma compilação e seleção das fontes para a escrita do biografado. É necessário saber quem foi Evandro Barros, o que

produziu e qual a sua época, o que viveu para dá um sentido e um objetivo, assim como é importante descrever o seu cotidiano e tentar diante de tantas subjetividades extrair fatores que indiquem traços de sua personalidade.

Para que o gênero biográfico transfira confiança e originalidade é substancial recorrer a princípios da história oral, como afirma José Carlos Meihi:

A partir do uso de entrevistas, a história oral tem aproximado pessoas e instituições preocupadas com três aspectos importantes da vida contemporânea: 1) o registro, o arquivamento e análise da documentação colhida por meio dos recolhimentos e trabalho de edição de depoimentos e testemunhos feitos com recurso da moderna tecnologia; 2) a inclusão de histórias e versões mantidas por seguimentos populacionais antes silenciados, evitados, esquecidos ou simplesmente desprezados por diversos motivos; 3) as interpretações próprias variadas e não oficiais de acontecimentos que se manifestam na sociedade contemporânea. (MEIHI, 1998)

No artigo foram utilizadas fontes documentais do acervo da família Barros, o documento a peça teatral “A casa de Irene” está dentro da perspectiva histórica servindo como base referencial deste artigo sendo apoiado pelas fontes orais como levantamento de dados históricos e relevantes da vida do biografado Evandro Barros. Das fontes orais três pessoas foram entrevistadas, a primeira sendo Divanice Queiroz Barros que tem como parentesco com biografado sendo irmã do mesmo. A senhora Divanice demonstrou interesse e empatia pelo trabalho, a entrevista ocorreu em sua casa em um ambiente propício ao assunto tratado, afinal a casa da senhora Divanice é onde um dia foi o lar de Evandro Barros, trazendo a memória da sua infância e juventude, ainda na entrevista teve apoio do recurso tecnológico como a gravação do áudio e fotografia.

A segunda pessoa da lista de entrevistado foi a Senhora Eneida Agra Maracajá, atualmente secretária de cultura da prefeitura da cidade de Campina Grande, Dona Eneida (prefere ser chamada dessa forma) tem formação da história das artes, em pedagogia, formação em psicologia e artes. A entrevista com dona Eneida aconteceu numa tarde de segunda feira do dia 19 de novembro de 2012 em seu posto de trabalho, na secretaria de Cultura da cidade, a entrevista foi descontraída deixando impressões positivas tanto da entrevistada como do biografado. A terceira entrevistada da lista é a senhora Eliângela Barros, a filha do teatrólogo, concedeu importantes informações sobre o biografado, informações precisas que foram analisadas e colocada como fonte deste ensaio, a entrevista ocorreu em sua própria casa e demonstrou muita satisfação com o conteúdo do assunto. Enfim seus Familiares e amigos foram entrevistados contribuindo para o enriquecimento do trabalho. E

As fontes bibliográficas utilizadas permitiram uma contextualização e uma teorização do conteúdo já que é ambientada no cotidiano campinense numa época de dura repressão no país.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO DOCUMENTO

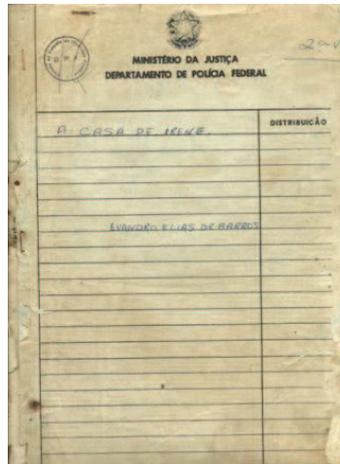


Fig. 02: A casa de Irene - BARROS, E.E (1972). FONTE: Acervo - Família Barros.

A capa do documento é de relevância, pois contém o brasão do Ministério da Justiça órgão competente para ação de censura o Departamento da Polícia Federal, no canto superior da esquerda do documento percebemos o carimbo da divisão de censura e um visto de caneta esferográfica azul, provavelmente da pessoa que analisou o documento, ao centro do carimbo está D. P. F. contornando o carimbo se encontra o nome “Divisão de Censura de Diversões Públicas”, abaixo no centro, o título da obra, escrito pelo autor. No ofício do historiador o documento deve ser analisado da seguinte maneira:

[...] olhando com atenção para um mesmo lugar onde aparentemente nada acontece, sugere, se não um procedimento, ao menos a qualidade de uma observação ou de uma perspectiva frente aos objetos de análise. Uma atitude intelectual que se alimenta da convicção de que o olhar através do microscópio, o interesse pelo minúsculo – ou ao menos, no limite, pela miudeza, ou por aquilo que mais facilmente se negligencia –, pode revelar dimensões inesperadas dos objetos e, com sorte, perturbar convicções arraigadas no domínio da história. (LIMA, 2006, pp. 13-14)

O documento não fala, cabe ao historiador indagá-lo. A interrogação e a resposta são mutuamente determinantes, e a relação só pode ser compreendida com um diálogo. O artigo é um diálogo entre o historiador e o documento (A casa de Irene).

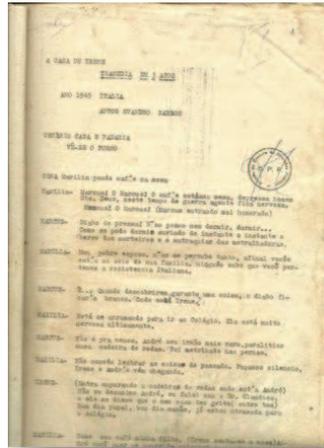


Fig. 03: A casa de Irene - BARROS, E.E (1972). FONTE: Acervo - Família Barros.

A imagem acima é uma cópia do momento introdutório da peça, permite vê-se neste momento o nome do autor como também o visto que é presente em todas as páginas da obra.

Na memorável frase de Augusto Boal (1970), um dos renomados teatrólogos brasileiros, vemos que “no Teatro do Oprimido, refletimos sobre o passado, ensaiamos sua transformação no presente, para inventarmos o futuro desejado, porque ser cidadão é transformar a realidade e viver é mudar o mundo.” Esta visão compete com a realidade da ditadura, onde o teatro censurado castrava a vontade de mudar o cenário que se vivia nos palcos de Campina Grande.

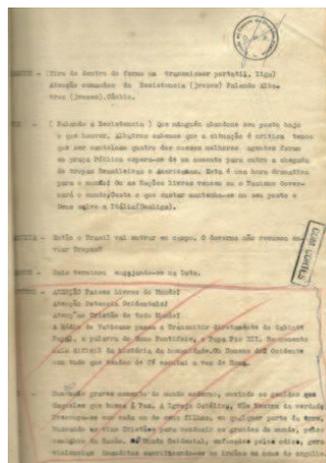


Fig. 04: A casa de Irene - BARROS, E.E (1972). FONTE: Acervo - Família Barros.

A página apresenta um trecho cortado pela DCDP, uma mensagem contida soar mais como uma subjetividade da vontade do autor, momento que os a divisão de censura considerou um atentado ao regime, no trecho cortado diz o seguinte: “Locutor – ATENÇÃO, Países livres do Mundo! Atenção potências ocidentais! Atenção cristão de todo o mundo!. A

rádio do Vaticano passa a transmitir diretamente do escritório papal, a palavra do sumo pontífice, o Papa Pio XII. No momento mais difícil da história da humanidade. Oh homens do ocidente com tudo que tendes de fé escutai a voz de Roma. Num dos mais graves momentos do mundo moderno, ouvindo os gemidos daqueles que buscam a Paz. A igreja Católica, “Mãe Mestra da Verdade”, preocupa-se com cada um de seus filhos, em qualquer parte da terra, buscando as vias Cristãos para conduzir os grandes do mundo, pelos caminhos da Razão. O mundo ocidental, sufocado pelo ódio gera violências inauditas sacrificando- se irmãos em nome do orgulho.”

A mensagem é uma aclamação para a voz papal que clamava pela paz mundial em ambiente conflitante da guerra parecia à única voz capaz de trazer alguma forma de alento em prol do oprimido. Relacionando com o contexto vivido no Brasil e em especial a cidade de Campina Grande, surge uma impressão que esse momento desejável de paz durante a Segunda Guerra Mundial era também um desejo da libertação do regime corrente no país, no ano de 1972, é o ano de intervenções em Campina Grande, e uma aclamação aos “Países livres do mundo”, pode ser encarada como um desejo irrefutável de se ver livre do regime que se estendia no país.

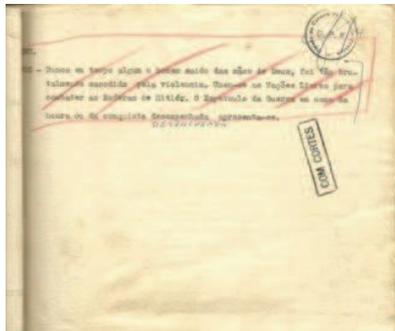


Fig. 05: A casa de Irene - BARROS, E.E (1972). FONTE: Acervo - Família Barros.

“Voz – Nunca em tempo algum o homem saído das mãos de Deus, o homem foi tão sacodido brutalmente pela violência. Unam-se nações livres para combater as Esferas de Hitler. O espetáculo da Guerra em nome da honra ou da conquista desenfreada apresenta-se”.

Ao analisar este documento percebemos os motivos da censura, pois tratam-se de mensagens que supostamente denunciavam o regime que se estendia pelo território nacional, a peça teatral foi encenada no festival de inverno de 1972, ano esse conturbado em Campina Grande, a prefeitura passara ao interventor federal Luis Francisco Motta Filho, as partes censuradas deste documento foram colocadas neste artigo como um registro para o conhecimento da história.

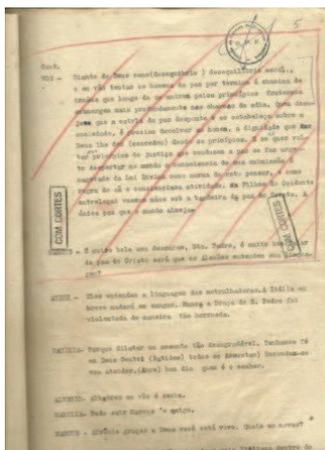


Fig. 06: A casa de Irene - BARROS, E.E (1972). FONTE: Acervo - Família Barros.

“Voz – Diante de Deus como (desequilíbrio) desequilíbrio moral e em vão tentam os homens de paz por termino pôr termino a chacina de irmãos que longe de se unirem pelos princípios fraternos submergem mais profundamente nas charcas do ódio. Quem deseja que a estrela da paz desponte e se estabeleça sobre a sociedade, é preciso devolver ao homem, a dignidade que Deus lhe deu (concedeu) desde os princípios. E se sequer voltar aos princípios de justiça.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Artistas como Evandro Barros, há muitos perdidos no palco da história que contribuíram de alguma forma para a cultura e lazer desta cidade e quando se trata de Campina Grande, percebemos ainda que muito trabalho deve ser feito, muitas pessoas caíram no anonimato passando pela vida como se não tivessem deixado rastros. O trabalho apresentado aqui não foi precedido do intuito de enaltecer a figura do teatrólogo, mas sim com o foco na sua contribuição e de reconhecê-lo como ícone cultural, na sua vivência e experiência, mesmo sendo um homem admirado no meio artístico, nas telecomunicações e dotado de um talento excepcional que era a de escrever peças, contos, crônicas e poesia, Evandro Barros morreu pobre, mas com reconhecimento de sua contribuição no teatro, no radio e na televisão campinense, ficaram marcados pela sua voz e pela sua personalidade que é traduzido no seu melhor potencial, o teatro, o rádio e a teledramaturgia do programa ‘Contos que a noite conta’.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Evandro Elias. Teatro 1 Completo. **Libertação, Sertão Inferno de Ódio**. Campina Grande: Coletivo Campina Cultural, 2007.
- BOAS, Sérgio Vilas. **Biografias & Biografos: Jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.
- BURKE, Peter. (Org.). “A nova história, seu passado e seu futuro.” In: **A escrita da história**. São Paulo: Unesp, 1992.
- CHATIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: **A histórica Cultural – Entre as práticas e representações**. Lisboa. DIFEL, 1990.
- GASPARI, Elio. (a). **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GASPARI, Elio. (b) **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão – Campinas, SP: UNICAMP, 1990.
- LIMA, Henrique Espada. **A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- MARTINO, João Paulo. **Rua das Saudades**. Atibaia: Degaspari, 2002.
- MEIHI, José Carlos Sebe Bom. **Manual de Historia Oral**. São Paulo: Loyola, 1998.
- REIMÃO, Sandra. **O Departamento de Censura e Diversões Públicas e a censura a livros de autores brasileiros 1970 - 1988**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.
- SOUSA, Antonio Clarindo Barbosa de. **A história da mídia regional: o Radio em Campina Grande**. Campina Grande: Edufcg, 2006.
- VÁRIOS - **Revista Veja** – edição de 26 de dezembro de 1979.